



IGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA — EM LISBOA.

UMA VILLA-NOVA ANTIGA.

Se passardes pelos olhos uma carta topographica de Portugal, em cada provincia, em cada comarca, talvez em cada pequeno districto achareis escripto, ao lado de algum desses signaes que marcam as povoações, a palavra *Villa-nova*; Villa-nova de Rei, de

S. Cruz, de Gaya, de Cerveira; . . . que sei eu? — Villas-novas de todos os sobrenomes, e até villas-novas de ninguem e de nada; villas-novas espurias.

Villa-nova é o *dom* municipal, o *dom* villão; porque, por extravagante antiphrase, villa-nova quasi sempre indica um antigo burgo com suas rugas de

2.ª SERIE. — VOL. II.

velhice, com seu castello desmoronado, com seus vestigios de templo ou de palacio da meia-idade. Villa-nova moderna, sem pedras amarellas, tombadas, ogivaes, é consa descommunal, milagrosa, e ao réz do impossivel. É que o passado, remoto, remotissimo, como o imaginardes, já foi presente, e então a villa que se alevantava ou no desvio, até ahí inculto e intratavel, ou sobre os vestigios de povoação deshabitada e destruida, erarealmente *nova*; mas os seus edificadores esqueciam-se, ao dar um nome á obra das proprias mãos, que elles passariam bem depressa e com elles a mocidade da sua filha querida; esqueciam-se de que o correr dos annos brevemente havia de converter em palavra sem sentido essa denominação que lhes parecêra tão clara e precisa. Aos primeiros respiros de paz e segurança, depois das guerras barbaras de religião e de raça que devastaram outr'ora este solo portuguez, o espirito municipal ia semeando os concelhos ao passo que debaixo dos marcos das fronteiras christãs se embebia o territorio musulmano, e então acontecia que o burgo, recentemente plantado em terra até ahí erma e sáfara, ou sobre as ruinas carcomidas de municipio romano ou godo, sentindo-se cheio de vida e de esperanças, folgava de contar ao mundo no proprio nome a sua juventude, e tomava para si o titulo tão querido, tão popular, tão casquilho — de Villa-nova.

E ás vezes as Villas-novas vinham encostar-se aos muros carrancudos e robustos das cidades reaes ou episcopaes. Eram como uma creança rosada, risonha, travessa, que se atira ao collo de velha rebarbativa, e se lhe pendura ao pescoço, e desata a rir — a bom rir. Acontecia tambem que uma ou outra ia assentar-se á beira de um rio, defronte de povoação orgulhosa, e semelhante a trasgo inquieto zumbia-lhe insolentemente aos ouvidos, e desangrava-a roubando-lhe o seu commercio: mettia-se até em bandos politicos para lhe fazer perraria; e inimiga d'ao pé da porta não havia casta de incommodo que lhe não causasse. Que outra cousa fez Villa-nova de Gaya ao burgo episcopal do Porto, burgo tão grave, tão serio, tão devotamente enroscado em volta da sua cathedral, aos pés dos seus santos bispos? Quem, senão Villa-nova de Gaya, assoprou provavelmente entre os honrados burguezes da cidade do Douro aquelle espirito de irmandade e revolta que tanto veio depois a incommodar os successores do veneravel D. Hugo?

Lisboa — guerreira e depois mercadora — tambem teve, não uma, mas duas villas-novas abraçadas á sua cinta de muralhas: — a primeira ao sul, a segunda ao poente. Chamava-se aquella Villa-nova de Gibraltar: esta Villa-nova d'Andrade. A segunda, nascida no seculo 15.º, viveu dois dias apenas, porque Lisboa, essa *villa* (\*) limitada nos fins do seculo 12.º a 15:000 habitantes, em quanto a mourisca Silves contava 25:000, cresceu com tal rapidez na epocha dos descobrimentos, que rompendo, ou antes galgando por cima dos lanços occidentaes dos seus muros, a devorou ainda no berço, ou para melhor dizer partiu-a em fragmentos, e aos seus membros despedaçados chamou Bairro-alto, Chagas, Santa Catharina. Villa-nova d'Andrade foi uma cousa fugitiva, sem gloria, sem individualidade. Della poderia dizer-se o que o psalmista dizia do impio: — vi-a exaltada como o cedro do Libano: passei, e não existia; busquei-a, não lhe

(\*) Evora é chamada no seu foral *cidade*; Lisboa no seu *villa*.

achei rasto. Deixemo-la, pois, na paz do esquecimento e do nada.

Não assim Villa-nova de Gibraltar. Fallai-me de Villa-nova de Gibraltar! Esta sim, que viveu. A sua origem perde-se nas trevas dos tempos chamados barbaros, entronca-se no berço da monarchia. Assentada á beira do Tejo, fóra do lanço de sul e sueste da muralha arabe, ou talvez goda [quem poderá hoje dizer-lo?!] que cercava Lisboa antes do seculo 14.º, saudavam-na os primeiros raios do sol oriental, aqueciam-na todos os do alto dia, douravam-na os derradeiros que vinham do poente roçando pela superficie das aguas. A cidade lá estava sombria entre as torres e altos muros da sua cêrca; agachada nas faldas do seu castello soberbão e mal encarado; prostrada em volta da sua cathedral ampla e triste. Mas que importava isso a Villa-nova de Gibraltar? Ahí não havia nem muros, nem torres, nem castellos, nem campanarios. Ella mirava-se no rio, e achava-se bella; bella por si e pelo luxo dos seus atavios; porque Villa-nova de Gibraltar era a atravessadora de quasi toda a mercancia: a patria dos rendeiros e *sacadores* das rendas e direitos reaes: era rica e potente; e ao sobrececho altivo da velha Lisboa, confiada na sua epiderme de marmore, respondia ella mostrando a sua armadura d'ouro, e depois punha-se a rir, porque bem sabia já, como nós hoje sabemos, que o ouro é mais forte que o marmore.

D. Fernando 1.º, que foi para com Lisboa como um amante selvagem: ora querendo anniquila-la porque lhe preferia em amores o alfaiate Fernão Vasques; ora lançando-lhe no regaço riquezas, privilegios, tudo; quiz n'um acceso de ciume esconde-la aos olhos d'estranhos. Já ella, a namorada, sabindo da Porta de Ferro, pelo terreiro da cathedral, corrêra para o valle de Valverde e se reclinára por ahí abaixo indo espreitar a barra cá da margem do rio; já começava até a galgar pela encosta fronteira para o lado do gothico mosteiro de S. Francisco e para a ermida dos Martyres, e pela Pedreira do Almirante, para o convento dos santos frades da Redempção. «Alto lá!» disse o bom do rei D. Fernando, e chamando os villões sujeitos á adúa por todas as villas e logares d'arredor, lançou á cintura da doudinha uma nova faixa de muros, para que não passasse alem. Ficou-se, é verdade, espairecendo Lisboa pela valle e pela encosta, mas ao menos, atraz das novas torres e quadrellas, já não podia fazer gatimanhos de presumida aos que vinham visitar em som de paz ou de guerra os campos das suas cercanias, ou as aguas da sua enseada.

E que era nesse tempo feito de Villa-nova de Gibraltar? Lá estava senhoril e desdenhosa, á beira do Tejo, indifferente aos arrufos de Lisboa e aos ciumes de D. Fernando. Pacífica e fiel não se entremettia em negocios alheios, não tumultuava, não se namorava d'estranhos. Assim a muralha real que bojava para poente, passou pé ante pé por entre ella e a cathedral para não a affligir: incorporou-se ahí com os antigos muros para a deixar, como até então, exposta á sua tão querida restea de sol. Novas portas, todavia, a uniram com a antiga cidade, que tão rapidamente crescêra e se fizera garrida. Foi por ahí que lenta e traiçoeiramente Lisboa pôde chegar a submete-la e devora-la.

E quereis saber por qual rasão, e como? Dir-volo-hei. Era que na frente de Villa-nova de Gibraltar, abaixo do seu diadema rutilante de princeza,

estava escripta uma lenda fatal e maldita; uma lenda que por muito tempo foi apenas ignominiosa, mas que nos fins do seculo 15.º se converteu em sentença de morte, em signal estampado pela mão do archanjo do exterminio. Esta lenda encerrava apenas duas palavras, mas palavras blasphemias, que só podiam ser apagadas destruindo-se a existencia individual da povoação que se atrevia a apresentá-las diante da luz do céu.

Villa-nova de Gibraltar era a *Comuna dos Judeus!*

A idade media, essa epocha altamente poetica, porque tinha crenças; e profundamente symbolica, porque era poetica; havia feito de Lisboa um symbolo da historia religiosa e politica. O municipio christão, partindo do alto alcaçar ou castello, dilatava-se até as raizes do monte, em cujo topo campeava a cavalleiro de todos os cabeços dos arredores a torre de menagem, a guarida do alcaide-mór, como representante do senhorio real e da aristocracia: á sombra do alcaçar, e a mais de meia encosta, a cathedral alçava os seus dois campanarios altivos, quadrangulares, macissos: entre essas duas expressões materiaes da monarchia, da nobreza e da igreja, a casa da camara — os paços plebeus do concelho proximos do campanario septentrional da sé, chãos e humildes representavam o povo que em silencio se preparava para ir estendendo os braços endurecidos pelo trabalho, e subjugar algum dia, á direita o alcaçar, á esquerda a igreja. Na configuração da cidade resumia-se a historia social do passado, e a prophesia do futuro. Como tantas cousas da idade media, Lisboa era um verdadeiro symbolo.

Não o era só, todavia, do pensamento politico: tambem o era da idéa religiosa. No amago da povoação: no logar eminente estava o christianismo: ao norte, em profundo valle e apinhado em volta de mesquita apenas tolerada, ficava o hairro dos mouros — a *Mouraria*, e ao sueste, quasi ao oriente, lançada ao pé da *Esnoga* a *Judearia*: — uma crença verdadeira, mas temporaria, do lado donde o sol surgia na sua ascensão para as alturas; a religião do Christo, complemento divino daquella, asoberbando-a do monte sobranceiro; o islamismo, transformação impia e tenebrosa d'ambas, como escondido ao norte na penumbra da cruz triumphante; e ao longe as vastas solidões do oceano atravez das quaes os filhos do evangelho o deviam levar algum dia ás regiões ainda incognitas de novos mundos. O velho Portugal tinha feito da cidade do Tejo um symbolo e uma prophesia sublimes!

A monarchia, vencedora da idade media, esqueceu a poesia della; porque nos seus velhos habitos de organizar, de legislar, de livellar, perdêra inteiramente o senso esthetico. A poesia estava principalmente nas idéas, no sentir, nas formulas das classes aristocraticas: o povo era infeliz e selvagem, e a monarchia positiva, calculadora, egoista. Com a victoria final desta desapareceu tudo o que representava o ideal. Belem é a agonia da arte; é o estrebuxar descomposto da architectura christã que morria; e o cancionero de Resende o ultimo concerto dos trovadores em que já se misturam os sons discordes da poesia romana.

Neste crepusculo da vida nacional, nesta passagem da originalidade para a copia, as ruinas tombavam sobre outras ruinas: a nova sociedade sobrepunha as suas obras incertas, frias ou estupidas aos restos ainda palpitantes do cadaver do passa-

do; cirzia-as ridiculamente com remendos e fragmentos das obras e factos que destruíra; fazia, enfim, por um pensamento de ordem e de organização exaggerado, o que nós muitas vezes fazemos hoje por um amor de liberdade indiscreto e excessivo.

É curioso o ver como a edificação do celebre mosteiro Jeronimitano de Belem se liga com a destruição da communa judaica de Villa-nova de Gibraltar; como esse monumento da transição da architectura, esse cahos de todos os systemas que lutavam no principio do 16.º seculo, reunidos, e por assim dizer petrificados de subito n'um edificio só, traz forçosamente á lembrança a ruina d'um facto da ordem moral que existira inconcusso entre nós por quatrocentos annos — a tolerancia da idade media. De feito a tolerancia religiosa expirava ao passo que a architectura christã morria, e as bullas da inquisição vinham-nos talvez pelo mesmo correio que trazia aos nossos architectos os desenhos puros e materialmente formosos, mas pagãos, e peregrinos de Bramante ou de Raphael.

Um phenomeno por certo singular nos apresenta a historia antiga de Portugal. Na larga serie de leis, de artigos de côrtes, de factos publicos até os fins do seculo 15.º a crença viva de nossos avós se limita sempre dentro dos termos daquella intolerancia legitima que a verdade não póde deixar de ter para com o erro. O christianismo proclama-se ahí franca e energicamente a unica religião verdadeira: o christão julga-se um homem de condição superior ao judeu. O povo vigia, até, com ciume que o israelita conserve sempre no trajo um distinctivo da sua raça reprobada, das suas doutrinas erradas. Mas a intolerancia acaba nesse ponto: não se imagina ainda que o desterro, os tratos do potro, e o cheiro de carne humana queimada subindo da fogueira expiatoria sejam sacrificios agradaveis a Deus. Na gente judaica havia mais, por assim dizer, um caracter de triste fatalidade pezando sobre uma raça condemnada pelo seu peccado original do Deicidio, que o de uma raça maldita por crimes proprios. «Os judeus, como testemunhas da morte de Jesu-Christo, devem ser defendidos só porque são homens:» — estas palavras de D. Affonso 2.º resumem o pensamento da idade media ácerca delles. É o pensamento de que Lisboa com Villa-nova de Gibraltar foram a imagem sensível. No alto da sé a cruz abrigada á sombra do castello christão, via a seus pés a synagoga — a humilhada *Esnoga* — que testemunhava alli a morte do Christo, a victoria do Evangelho, e a redempção dos homens: e o que orava na cathedral sentia só desprezo e porventura compaixão por aquelle que orava na synagoga. Se o odio se misturava ás vezes com esses sentimentos, motivos não-religiosos, mas puramente materiaes o geravam: geravam-no as riquezas dolosamente accumuladas pela gente hebreia, os vexames que praticavam como exactores da fazenda publica, as suas usuras como possuidores de capitaes, e mil outros motivos humanos em que nada tinha que ver a opposição das crenças.

E o seculo 16.º, que era erudito; que traduzia Cicero e Ovidio, e imitava Horacio: o seculo da civilização, das conquistas, de todas as grandezas cuspiu nas faces da idade media, que jazia morta a seus pés, o epitheto de barbara! — E D. Manuel, o culto, e venturoso monarcha do oceano, esquecia-se do que não esquecera a seu rude e obscuro avô

D. Affonso 2.<sup>o</sup>: esquecia-se de que os israelitas estavam condemnados pelo Rei da Eternidade a vaguearem perpetuamente na terra como *testemunhas da morte de Jesu-Christo*. Portugal devia ser exceptuado desse decreto de cima, e a conversão violenta dos judeus foi um dos factos mais estrondosos daquelle tão estrondoso reinado.

Da communa hebraica, da risonha e opulenta Villa-nova de Gibraltar, apenas um vestigio nos resta, a sua synagoga — melhor diriamos o sitio della — convertido em templo christão. É uma collegiada da Ordem de Christo: é a Conceição Velha; velha porque já as cousas dessa epocha manuelina, tão fastosa, tão transformadora, tão destructiva de tudo o que quer que fosse, bom ou máu, das eras poeticas, já hoje é caruncho e podridão: os seus monumentos já se confundem com os que ella desprezava como barbaros. Fallai no portal rendilhado da Conceição Velha a um vereador, a um politico, a um pascasio de melenas, emfim a qualquer inimigo nato das cousas mais poeticas e santas da patria — os monumentos — e responder-vos-ha torcendo o nariz, e com um ademan parvo de superioridade: «Poh diabo! isso é gothico!» Gothico! Ouves, seculo dezeseis, seculo romanista, seculo brilhante, seculo peralvilho? Ouves lá debaixo da tua campã, pezada como todos os crimes que commetteste no oriente, confundirem-te hoje com os seculos rudes e pobres da nobreza d'alma na fidalguia e da energia popular? Mudaste a indole da nação; tornaste-a de guerreira em mercadora; de municipal em cortesã; de austera em voluptuaria. Aceita de mãos como aquellas a paga da tua boa obra.

A historia da esnoga e do Mosteiro de Restello é simples: tê-la-heis lido em dez livros copiados uns dos outros com grande augmento e gloria das lettras patrias. Onde hoje este edificio, amplo como o poderio de D. Manuel, simula aos olhos do vulgo, na vermelhidão dourada das suas pedras, uma idade mais provecta que a verdadeira, existia um conventinho de freires de Christo. D. Manuel vasou-os na synagoga de Villa-nova, desentulhou o chão da ermida de Santa Maria de Belem, que assim se chamava ella, alevantou a machina que ahí vêdes, chantou-lhe dentro não sei quantas duzias de frades jeronimos de Penhalonga, e morreu deixando a sua obra imperfeita. Tratou de continua-la D. João 3.<sup>o</sup> nos intervallos em que lho consentiam as suas incansaveis diligencias para obter a santa inquisição, contra a qual reluctou muito tempo a curia romana, que nem sempre é tão boa como alguns a fazem, nem tão má como outros o affirmam. Na regencia de D. Catharina parece ter-se acabado a igreja como actualmente existe (\*).

E a esnoga de Villa-nova? A esnoga estava reformada, rendilhada, baptisada, christã e contrita como... como os judeus allumiados subitamente pelo Espirito-Santo no mesmo dia e á mesma hora, por um decreto real, redigido provavelmente pelo secretario Antonio Carneiro. Apósto que não sabeis quem era Antonio Carneiro? Era para D. Manuel o que fóra Antão de Faria, que tambem provavelmente não conheceis, para D. João 2.<sup>o</sup>: um substituto da cadeira monarchica, um marquez de Pombal de ha trezentos e quarenta annos, de que ninguem se lembra hoje, como d'aqui a outros tre-

zentos annos ninguem se lembrará do marquez de Pombal. *Sic transit gloria mundi*.

Pois não o merecia Antonio Carneiro! — Foi ministro de peso e volume. Os papeis da sua secretaria, ou antes do Estado, eram em portuguez! Quem me dera um Antonio Carneiro! Antonio Carneiro foi até homem agudo e engraçado: próva disso é o preambulo do regimento dado á collegiada da convertida synagoga, em 29 de janeiro de 1504. Evidentemente o ritual rabbinico já não tinha applicação. Nesse preambulo conta o bom do secretario a historia da transformação. Eis as suas palavras: «Como entendemos [é elrei quem falla segundo estylo e direito] na conuerção dos judeus de nosos reynos pera á nosa santa fée serem ajuntados, he no conhecimento he obras della se saluarem, com muyta deuação nos oferecemos he deliberamos da casa da esnoga dos judeos que estauam na judiaria grande desta cidade, asi como ella era a mays principal em que o nome de noso senhor era blasfemado, he as coussas de nosa santa fée catolica reprouadas e emmingoadas, fazemos huma solene igreja e casa da enuocação de nosa senhora da conscição, na qual com muy grande solenidade e deuação os officios deunos fossem celebrados, he ali, onde a noso senhor por tanto espaço de annos e tempos fóra feyto tanto deseruiço, he o seu nome he as suas coussas blasfemadas, perpetuamente he em toda a perfeição seus lououres se fizessem, he o culto deuno fosse continuamente, he com grande solenidade exalçado.» — Basta. Não me digaes nada do estylo d'Antonio Carneiro: era o do seu tempo. Confessai antes que não esperaveis que a transformação da synagoga em igreja fosse uma antithese religiosa, um trocadilho ao divino. Essa perseguição semelhante á dos tyrannos de Roma contra os primeiros martyres do christianismo, alevantada contra os judeus portuguezes, nos fins do seculo 15.<sup>o</sup>, foi apenas uma figura de rhetorica feita por D. Manuel. Oh elegante, oh immortal Antonio Carneiro! Tu ajudavas teu senhor a acabar a obra de D. João 2.<sup>o</sup>, a anniquilar toda a poesia da idade media; mas tu eras mais poeta do que ella. Creanças despedaçadas por seus pais para não serem entregues aos beleguins missionados; homens havia pouco opulentos reduzidos á miseria e ao desterro, ou obrigados a acceitarem um baptismo sacrilego, porque era recebido por violencia: tudo quanto ha negro e infame naquelle procedimento em que até não faltou a covardia de se respeitar o direito das gentes para com os mouros [tambem expulsos nessa occasião] porque *tinham quem podesse vingá-los*: tudo isto, oh excellente Antonio Carneiro, não passou de uma fórmula de Quintiliano, applicada á theoria do culto! Quem poderá duvidar de que os admiradores do *grande seculo*, do seculo 16.<sup>o</sup>, tem prodigiosamente desinvolidas as proeminencias do bom e do bello?

Da esnoga, reconstruida em templo por Antonio Carneiro e por D. Manuel, apenas resta a portada. Tambem era a cousa unica formosa e alegre em toda essa negra e maldita historia. Se quereis estudar como artistas os seus delicados labores ahí a tendes na precedente gravura, e se não vos contentardes com isso ide contempla-la á rua da Ribeira Velha, antes que o progresso passe por lá e a derribe. O progresso é gordo e ancho; não cabe onde quer que esteja um monumento.

(A. Herculano).

(\*) Veja-se a erudita e bem delineada Memoria ácerca do mosteiro de Belem inserta no vol. 6.<sup>o</sup> deste jornal.

## Bibliographia.

Um livro importante, curioso, nitido, e bemquisto, acaba de sahir dos prelos desta *Sociedade propagadora dos Conhecimentos uteis*: é o 4.º vol. das obras do Sr. Almeida Garrett — o 1.º do seu ROMANCEIRO CANCIONEIRO GERAL. Este titulo só é bastante para provocar o interesse do litterato, desafiar as investigações do philologo, attrahir a attenção do philospho, e estimular a curiosidade de todos; porque a poesia popular — a poesia primitiva que hoje nos ressuscita, e faz reviver, o Sr. Garrett, merece e hade ser encarada debaixo de todos estes aspectos: o da litteratura para instrucção, o da philologia para estudo, o da philosophia para exame do character, indole, moralidade, e civilisação do povo que nella se retratou, ou, antes, que com ella está identificado; e finalmente o da curiosidade para mimoso recreio do espirito.

«A poesia popular [diz-nos Herder] é o archivo do povo, o thesouro da sua sciencia, da sua religião, da sua theogonia, da sua cosmogonia, da vida de seus pais, dos fastos da sua historia. É a expressão do seu sentir, a imagem do seu interior na alegria ou na tristeza, junto ao leito das nupcias ou da sepultura.»

«A poesia popular [escreve Marmier] é a voz do povo nos dias de suas profundas commoções, é o canto que celebra os seus heroes e os seus deuses, que proclama os seus triumphos e lamenta os seus desastres. É a epopéa dos seus tempos heroicos, e a ballada tradicional de suas crenças supersticiosas. É o cantico de Moisés sobre a montanha, e a elegia do desterrado junto aos salgueiros dos rios.... Nasceu nos seculos mais remotos, e profunda as suas raizes no mais arido solo.... Esta poesia tem uma lyra que vibra todas as paixões, e onde todas as ideas tem uma corda de prata ou de bronze.... É uma linda donzella que se nos queixa de amor ou se carpe de saudade.... É uma sybilla com o ramo d'ouro na mão, uma magica senhora das lendas historicas e fabulosas, da mythologia de todas as especies, das mysteriosas crenças do christianismo, dos successos mais patheticos do mundo real, e de todas as phantazias do mundo ideal.... Esta poesia flexivel e variada adapta-se a todos os acontecimentos, reflecte no seu espelho o espirito de todas as epochas.... é a imagem do povo.»

«A poesia popular [na opinião do Sr. Garrett] é uma ingenua, selvatica, caprichosa, e aerea virgem das montanhas, que se appraz nas solidões incultas, que vai pelos campos allumiados do pallido reflexo da lua involta em véus de transparente alvura, folga no vago e na incerteza das côres indistinctas que nem occulta nem patenteia o astro da noite. É uma beldade misteriosa que frequenta as ruinas do castello abandonado, da torre deserta, do claustro coberto de hera e musgo, e folga de cantar suas endeixas desgarradas á boca de cavernas fadadas — por noite morta e a horas aziagas.»

«A poesia popular [havia já muito que o tinha dito o bom velho Montaigne] é puramente natural, é cheia de candura, e tem graças por onde póde ser comparada em belleza á perfeita poesia da arte; como se vê nos villancetes da Gasconha, e nas trovas das mesmas nações selvagens que nem escrever sabem.»

E, com effeito, a poesia popular encontra-se em todos os paizes, remonta-se aos tempos primitivos de todas as nações, é a expressão espontanea do

sentimento íntimo, puro, e sincero de todos os povos. Os antigos e modernos viajantes a foram achar nos mais frigidoss recessos do norte da Europa, entre os selvagens da America, nas hordas da Sibiria, nas costas do Kamtschatka, e na Oceania.

Esta poesia popular, arca santa do sentir, dos costumes e da crença do povo, que todas as nações respeitam com veneração, que todas ellas tem recolhido, refundido, imitado e parafraseado, desde o fim da idade media, e que por seculos esquecida foi no comêço deste restaurada com maior culto, é a que o Sr. Garrett salvando, ainda a tempo mas já a custo, nos começa agora a mostrar tão conceituosa como elegantemente. Eramos nós até hoje a unica nação que não havia colleccionado nem considerado os seus cantos populares. Na Allemanha, e outras nações, desde o seculo XIII que se empreendem e conhecem similhantes collecções. Da mesma origem, ainda que d'outra especie, temos o Niebelung, e as Sagas da Scandinavia para o provar; temos a opinião de Müller, de Molbech e de Grimm citados por Marmier; temos emfim, ainda que de mais proxima data mas similhante á de que tratámos, a collecção do *Romanceiro historiado* de Rodrigues, que deu á Hespanha em 1579 a gloria de ser a primeira nação que principiou a publicar pela imprensa as suas trovas populares deste genero.

Modernamente, porem, tem-se desenvolvido em todas as nações cultas, especialmente na Allemanha e na Inglaterra, um verdadeiro zêlo por estas compilações, e parafrases. Haverá trinta annos que Walter Scott deu impulso a este gôsto, que fez mudar completamente o character da litteratura da nossa idade. As *reliquias* de Percy, os *specimens* de Ellis, os *romances* de Ritson, as *trovas populares* de Jameson, e emfim o *Ministresly* do mesmo Walter Scott, tinham feito conhecer á Inglaterra, e a toda a Europa, a grande importancia da poesia primitiva dos differentes povos. «Nenhuma outra nação porem [diz-nos ainda Marmier] tem excedido a allemaã no estudo tanto da propria como da estranha poesia popular.» Os trabalhos de Herder, de Gunther, de Gœtze, em colleccionar todas as trovas populares do norte da Europa; os de Grimm em fazer conhecidas as d'Hespanha: e ultimamente os de Bellermann sobre as nossas portuguezas; estão comprovando a asserção do escriptor francez.

O Sr. Garrett comprehendeu todo o valor destes trabalhos, e a influencia delles na reacção da litteratura contra a tyrannia greco-latina que a tem dominado; pesou-lhe a lacuna que neste assumpto se achava na nossa historia litteraria; viu os homens eminentes que nas outras nações se occupavam nas investigações e collecção das trovas populares dos seus e alheios paizes; e o Sr. Garrett que tem sido o mais nacional e popular de todos os nossos poetas modernos, desde a primeira inspiração da sua musa — O Camões — até á mais recente — Fr. Luiz de Sousa — para que se completassem os seus relevantes serviços ás lettras patrias, era indispensavel que nos desse tambem um *Romanceiro e Cancioneiro geral*. Com a sua *D. Branca*, com o seu *Auto de Gil Vicente*, e com este *Romanceiro*, tem o Sr. Garrett feito, não só entre nós mas em toda a peninsula iberica por ser o primeiro que assim levantou nella o pendão d'este moderno movimento litterario, os mesmos serviços que ás lettras fizeram em Inglaterra Walter Scott e Byron, na Allemanha Schiller e Uhland, e na França Chateaubriand e Victor Hugo. Assim como estes homens tão distinctos pela

sua posição social, saber, e talentos, o Sr. Garrett apesar de suas augustas funções de legislador e magistrado, tem sabido aproveitar uma parte do tempo nestas uteis lucubrações, a ultima das quaes vai ser de certo summamente apreciada nos mesmos paizes estrangeiros.

Esta collecção das reliquias aborigenes da nossa poesia nacional comprehende as antigas trovas cantadas pelo povo, chame-se-lhes embora rimance, xácara ou solau, «desde onde memorias ou conjecturas ha, até á epocha actual, acompanhadas d'explicações e glossas, que hão-de servir de nexos, que sejam como a liça, o nastro que áte estes pergaminhos.» E não será só o texto original dellas «restituido quanto é possível: mas tambem estas mesmas trovas rudes e por vezes extravagantes, convertidas em composições lyricas de muita graça, e grande merito; porque dos specimens, alguns inéditos, que temos visto, podêmos escrever que na nossa opinião o Sr. Garrett lhes tem sabido conservar toda essa côr de melancholia, fluidez e naturalidade, que constituem o seu principal caracter, dando-lhes ao mesmo tempo o sabor da epocha a que lhe pareceu referirem-se.

Estas canções populares não tem data nem nome d'auctor, nem da maior parte dellas se pôde saber se a sua origem é inquestionavelmente nacional, ou se foram tão sómente nacionalizadas. Transmittidas de seculos para seculos unicamente pela tradição oral, difficulosamente chegaram aos nossos dias, porque foragidas das cidades onde o requinte da civilisação, o luxo e os máus costumes, foram progressivamente arrefecendo a exaltação poetica do povo, lá se acolheram á innocencia dos campos, onde ainda zelosos pesquisadores as poderam encontrar, mas d'onde a corrupção de nossos dias as vai já expulsando, e baldadas tornaria taes buscas se tão opportunamente se não pozessem por obra.

As lendas dos santos, e muitas trovas mysticas, a ode (*o canso dos trovadores*), a elegia (*planh*), a ecloga (*pastorella*), e outras composições desta especie, havia muito que estavam recolhidas nos Cancioneiros do Collegio dos Nobres, no de Resende, e n'outro que existe ms. na real Bibliotheca do Escorial; (\*) mas estes cancioneros são os nossos *meistersanger*, faltava-nos a collecção dos cantos singelos e rudes do povo, a compilação de Herder, as imitações de Schlegel, as recomposições de Schiller e Burger. Esta falta é a que neste volume se começa a supprir. Depois d'um elegante trecho em prosa, fundido naquelle typo de espontaneidade e candura peculiar á prosa do Sr. Garrett, abre elle pelo bello rimance da *Adozinda* já com a sua erudita introdução, tão nosso conhecido e gostado. É um verdadeiro modelo do genero, com toda a suavidade de metro e estylo, com toda a ingenuidade de linguagem, com toda a melancholia e verdade d'um rimance da idade media, e com toda a delicadeza e graça das conveniencias do nosso seculo. Segue-se outro mais curto mas não menos lindo, já tambem nosso conhecido, — *Bernal Francez* — acompanhado porem com uma novidade, a sua traducção em inglez (:). Apoz estes vem um pequenino

(\*) Acabamos de saber agora d'outro Cancioneiro nosso que se está imprimindo em Paris — o celebre Cancioneiro ms. d'elrei D. Diniz — achado pelo Exm.<sup>o</sup> Sr. Visconde da Carreira em Roma.

(:) No *Foreign Quartely Review*, tom. X, 1832, encontramos tambem uns fragmentos da *Adozinda* traduzidos em inglez, que provam quanto em Inglaterra se aprecia este genero de poesia, e se estimam os escriptos do Sr. Garrett.

romance novo, como todos os mais que se lhe seguem, — *A noite de S. João* — cheio de poesia e do colorido da antiguidade local e da epocha; qualidades que muito mais e brilhantemente se desenvolvem no que se lhe segue — *O anjo e a princeza* — em que o mysticismo e o fanatico d'uma crença sem illustração mas candida, são mui bem imitados das trovas-lendas dos menestreis. *O chapim d'elrei*, «é uma xácara reconstruida de fragmentos da composição popular.» Na introdução deste romance levanta o Sr. Garrett a questão da differença que porventura se dá entre xácara, soláu ou rimance. Não é facil marcar a distincção, ao menos por emquanto que não está ainda explorada, nem ao menos sondada, a origem e historia da nossa litteratura, alem do seculo 15.<sup>o</sup> Temos para nós que o soláu, como nos parece indicá-lo o vocabulo, é o canto d'um só, isto é, que narra lamentando, ou só moralisa a desgraça amorosa acontecida a um personagem: seria talvez o propriamente lyrico daquellas idades. E julgâmos assim harmonisados os dois logares de Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda, citados pelo auctor sobre este mesmo vocabulo. O rimance primitivo não admite tantas duvidas nem conjecturas, pelo menos a convenção tem-lhe dado uma certa classificação epica, que desfructa sem controversia. Resta-nos porem a xácara, cuja definição nos parece ainda mais difficil do que a de *soláu*. É certo que a forma dramatica predomina em certas composições, que porventura por isso se chamavam xácara, mas até que ponto isto é verdadeiro é o que nos não atrevemos a assignar. Entre os trovadores, e nas poesias palacianas da epocha, não ha memoria de dramas d'onde o povo por imitação fizesse as suas xácaras; por outro lado parece fóra do natural que a poesia provençal que se exerceu em todos os generos, não se ensaiasse no mais poetico e philosophico de todos — o dramatico. Na *vida dos poetas provençaes* falla-se, é verdade, n'uma certa comedia d'Anselmo Faidit [Ereja dels preveires] a *Heresia dos padres*, que se diz representada no côrte do marquez de Montferrat. Mas a isto ser verdade, seria possível que esta composição fosse singular no seu genero? e se isso não é possível, onde estão as memorias d'outras similhantes? Como quer que seja, conhece-se uma certa composição provençal, denominada *tenso*, que era um dialogo em forma de disputa, e de que Raynouard nos cita um specimen; mas isto tudo está muito longe da especie de rimance em que se introduzem interlocutores, a que especialmente o Sr. Garrett chama xácara. A distincção pôde e convirá aceitar-se, porem os fundamentos para ella é que nós não podêmos ainda encontrar na auctoridade antiga nem na nossa imaginação (§).

O volume termina com o bonito romance de — *Rozalinda* — em quanto a nós o mais poetico de todos; ha nelle tal força de sentimento, uma tal belleza de narração, uma imagem tão pathetica, junto tudo a uma tal concisão e singeleza, que nos prende e encanta. Com tal remate, ainda quando não houvessem tantas outras rasões para isso, forçosamente se nos estimulam os desejos de novas publicações deste genero, e nos cresce a ancia de ver a continuação do tão bem, mas apenas, encetado *romanceiro*, que o Sr. Garrett nos affirma achar-se prompto; e por isso a brevidade em satisfazer a cu-

(§) Não ignorâmos porem, que D. Francisco Manuel, mui boa auctoridade, nos diz — e começaram logo um dialogo em verso, á maneira de xácara. —

riosidade publica só está dependente dos Sr.<sup>es</sup> Editores, que muito confiámos nos não hão de fazer esperar, e redobrarão o seu zêlo tanto na brevidade como na nitidez da edição, de que este volume nos é boa prova, pelo esmero com que sabiu impresso, assetinado e correcto.

Mas aquella affirmativa do Sr. Garrett não se limita ao seu *Romanceiro*: outra producção sua, que ainda inédita goza já de creditos collossaes, está a ponto de sahir á luz — é o seu excellente drama *Fr. Luiz de Sousa*, de que a inspiração, a sensibilidade, e a arte fizeram um modelo no seu genero.

Ha ainda outra Obra importantissima de que se nos promete tambem em breve o comêço da publicação — Os ultimos vinte annos da historia de Portugal — cujo assumpto summamente embaraçoso e delicado, não duvidámos que seja tratado pela philosophia, experiencia, e idéas de tolerancia do Sr. Garrett, com esse tacto fino, penetração, e espirito patriótico que tanto o distinguem como estadista.

Tornando porem ao *Romanceiro*, de que o termo da revista do seu primeiro volume nos desviou, parece-nos que o Sr. Garrett no concertar, recompor, e arremedar estas composições e reliquias da nossa antiga poesia popular, ha-de desmentir Goethe, apesar de tão conhecedor como experiente d'este objecto. «Nós os modernos [disse elle] sabemos mui bem sentir a grande belleza d'um assumpto simples, e natural, sabemos como elle se deve contar, e todavia não nos desempenhámos quando o queremos fazer. O espirito nos domina demasiadamente, e abafa todas as graças naturaes.» Porem o Sr. Garrett, na *Rosalinda*, no *Chapim d'elrei*, no *Anjo e a Princeza*, não só sentiu essa naturalidade e singeleza, mas soube tambem exprimi-la com toda a propriedade e graça ingenua do pensamento primitivo.

Ainda não concluiremos sem ao menos lembrar o fructo que desta collecção de trovas se poderia tirar se se resolvessem certos pontos que suscita a sua leitura. Tocaremos nos que nos parecem mais principaes.

Poderá organizar-se esta collecção tão systematicamente, desde o tempo a que se remonta até ao em que finalisa, que possa servir para por ella estudarmos e conhecermos não só os diversos typos mas tambem os diferentes cyclos da nossa poesia popular? É idéa assentada que toda a poesia primitiva é de narração: a infancia das nações é toda acção, e consequentemente a poesia oriunda d'esta infancia deve ser épica: d'aqui a maior antiguidade do romance e da xácara; depois vem o solau, porque a poesia lyrica que nos expressa pura e simplesmente o «sentimento» só pôde proceder da reflexão, e consequentemente de mais quietação d'animo, e permanencia d'estado.

A antiguidade d'estas trovas poderá fixar-se pelo seu character ou pela sua fórma? O mecanismo do seu metro é com effeito originariamente portuguez? A continuidade da mesma rima n'algumas será peculiar a certa especie, ou é arbitraria, ou emfim pertence exclusivamente a algum cyclo?

Esta poesia voluptuosa, exaltada, extravagante, mystica, tudo ao mesmo tempo, forçosamente soffreu modificações providas dos costumes e illustração do povo, visto que procedia dos mais intimos sentimentos delle: logo, que gráu de importancia chronologica e moral pôde ter esta poesia na historia patria?

Dalam porventura os rimances desde o acontecimento a que se referem? É certo que as interrupções extravagantes, a falta de nexos, a scisão da narrativa, manifestando o improviso, presuppõe tambem cabal conhecimento do assumpto não só em quem narra, mas tambem que facilmente se suppõe existir nas pessoas a quem elle se contava.

O *cantar á desgarrada*, usado ainda hoje pelos nossos camponezes, derivará destes cantos populares, ou em sua origem não foram elles mais do que isso, com similhante melopea e rythmo, applicados a um assumpto conhecido?

Pensámos que a elucidação destes topicos não interessaria só a historia litteraria, e em especial a deste genero de poesia, mas que aproveitaria tambem muito á historia da nação em geral, que não seja uma lista chronologica de factos mais ou menos notaveis, mas verdadeira historia de nossos costumes, civilisação e existencia.

Silva Leal.

#### AS BOAS FESTAS.

BEM certos de que nos choverão apupos d'um povo que por ahí blasona d'illustrado, nem por isso nos acovardámos, nem tememos sahir a publico com emboras de Boas festas. Por quanto menos podem em nós rasões de tibieza para com os bons costumes, que o exemplo de muitos seculos fundado na santa consideração que devemos á honra do Divino Libertador. Nasce o filho d'um rei da terra, que ás vezes traz consigo o germen da tyrannia n'uma indole de ferro, é publico e geral o regosijo, todos se promettem venturas, quando talvez o chorar fôra melhor acerto! Nasceu o Primogenito do Rei dos reis, provou-nos seu infinito amor ao ponto de perder a vida á força de affrontas e tormentos; e o filho ingrato desse Pai, o vassallo indigno desse Soberano que o arrancou dos eternos carcereiros, fazendo-lhe arrojarem as cadêas aos pés do vencedor confundido, hade correr-se de manifestar o seu contentamento pelo dia Natal do seu Redemptor! A causa bem sabida é. Essa machina reformadora do seculo, que parece rolar como um mundo de bronze por cima deste nosso mundo, arrasando quanto não é seu sem nenhum respeito a conveniencias e necessidades, não cança de entender em seu officio. O costume de nos felicitar-mos por tão boa nova era edificio gothico, força era desabar, e como não tinha materiaes que armassem para uma praça de touros, ou para um theatro, justificou-se o feito com o desassombramento da impiedade, que assim se poderá melhor espriar tendo de menos esse pilar que lhe dava de rosto. Senão, que outra cousa lucrámos dahi? e porque não foi tambem ao chão com o mais nobre do edificio a intemperança na consoada, que de tantas irreverencias e desacatos acompanha a Missa do Gallo? Fica só o que é abuso máu e pernicioso, e acaba o que era instituição louvavel e santa! nem mais havia a esperar da civilisação do tempo, que com quanto pareça vai a melhor, caminha tão arrastada que só á força de muito quebrar os olhos se lhe enxerga adiantamento. Convimos em que nem tudo que não é d'agora seja bom, e fôra o discordar absurdo senão rematada loucura: porem ande o discernimento e o bom juizo a par da reforma, e saibamos, antes de destruir, a rasão porque se fará, e o fim para que. Em nosso pouco discorrer entendemos que será sempre de nenhum proveito qual-

quer mudança no que toca a religião, ou no que della nos veio, sendo aliás sabida a perda. Queremos reformação, mas nos abusos e superstições a que o povo está ainda tão aferrado como a principios de fé. Não se faça duvida no que temos presenciado com muita magua do nosso coração. Gente ha que não duvida despender com benzedadeiras e impostores todo seu haver, como se lhe figure que em sua casa anda alma do outro mundo. Nomeáramos aqui terras e nomes de individuos em testemunho nosso, se a caridade nos não desviasse de assoalhar fraquezas do proximo. Tambem notámos todos os dias o terror com que alguns encaram aquella mulher que suspeitam professa nas artes de bruxaria, a quem fazem carregar com a morte das creanças e dos gados, com as doenças prolongadas que padecem, e com todos os seus desastres. Finalmente nos lobishomens, agouros, encantamentos e sortes, nas offeras de pão, vinho e gallinhas, que vão na frente dos sabimentos, representando ao vivo as comensanas da gentildade; nisto e no mais que se pratica com tanto descaro, particularmente nas aldeias, desejámos ver descarregar a espada da illustração, perseguindo a justiça os embusteiros como fomentadores da idolatria, contra os quaes não faltam leis; e tomando os sacerdotes a peito corrigir o povo pelos meios que lhes sobram, recorrendo ora á auctoridade dos livros sagrados, ora ao rigor das penitencias ao seu alcance. Repetimos que das diligencias dos clerigos se alcançaria nesta parte grande proveito, não sendo comtudo menor a obrigação que lhes peza de velarem pela pureza da religião que seu Divino Mestre ensinou; pureza a que tão estreitamente anda ligada a felicidade espiritual e temporal dos povos. Porem nisto não se cuida, nem talvez se repara, e só se julgou conveniente desprezar a antigualha das Boas Festas, tão innocente, tanto de louvar, e tão digna do povo christão. Alguem a taxa de incommoda! bem importuno, traquina, e desalmado é o entrudo, e ninguem se poupa ás suas desenvolturas! só para a honra de Deus ha escrupulos e delicadezas — e vamos caminho da civilisação! Para muita gente passaria não sentida a festa do Natal, se a gula a não trouxesse de memoria, sem lembrar o exemplo d'abstinencia e pobreza que nos deu aquelle Divino Innocentinho, deitado em humildes palhas, e sem outro travesseiro que o regaço de sua Virgem Mãe. Concluiremos pedindo que vá por diante o nosso santo costume das Boas Festas, que será para não poucos de severa reprehensão por não entrarem n'um templo, nem lançarem mão d'um livro espiritual no primeiro dia solemne do christianismo.

*N. M. de Sousa Moura.*

### ECONOMIA DOMESTICA (\*).

A FÉCULA, ou a parte gomosa e gelatinosa dos grãos é composta de pequenissimos vasos ou saccos, dentro dos quaes se encerra aquella substancia nutritiva: estes envoltorios abrem e arrebetam sujeitando o grão a uma certa temperatura de calor. Ora é visivel que quando os animaes ingerem estes saccos inteiros de fécula, elles passam pelas vias digestivas sem deixarem ahí a substancia gomosa eminentemente nutriente. E é precisamente o que acontece quando se ministram aos animaes grãos ou farinhas em crú. Como todas as cousas novas tem

(\*) Concluido de pag. 392.

seus oppositores disseram tambem desta que o grão perderia pela cosedura os principios estimulantes que elle encerra, assim como o sabor aromatico que excita o appetite, e talvez outros bons effeitos; porem contra isso está a experiencia; e uma parte desse inconveniente se remove escaudando apenas em agua fervendo os grãos e farinhas. As vantagens da pratica que propomos consistem nos principios seguintes: 1.º melhor alimento nutritivo pela fécula ou substancia gomosa aproveitada; 2.º livrar os animaes das indigestões, encruamentos e tenesmos que ocasiona o methodo contrario; 3.º economia, porque todo o grão se converte em alimento digerivel em logar de perder-se uma parte delle que se não digere; 4.º augmentar o volume da ração quando sujeita á acção da agua a ferver; 5.º tirar ao grão a pragana e o pó, que sempre mais ou menos o acompanha em crú; 6.º o admittir-se por esta pratica uma maior extensão de grãos para ração cavallar, como é, alem da avêa e da cevada, a do milho e do centeio, que sendo escaudados podem ministrar-se sem escrupulo, assim como a fava que dá grande vigor e energia aos cavallos.

#### *Da cosedura de fructos por meio do vapor.*

No angulo interno de dois muros em sitio abrigado, n'um páteo, ou rocio, ou quintal se estabelece sobre dois poaes ou paredes de dois palmos d'elevação uma caldeira de modo que fique bem ajustada tapando-se e barrando-se os intervallos para se não perder a acção do fogo: e estabelecida assim como caldeira d'alambique, se lhe ajusta na bôca em todo o seu diametro um barril de páu bem vedado, e cujo fundo fôra furado a miudo como crivo ralo, afim de receber commodamente o vapor: deita-se uma porção d'agua que não encha totalmente a caldeira; e se enche o barril de batatas, maçãs, ou outros quaesquer fructos ou legumes que se pertenda coser: e preparado assim mette-se o fogo por baixo da caldeira. A agua chega á ebullição e expelle o vapor todo que sóbe pelo crivo do fundo do barril, e dentro de duas horas tem cosido mais ou menos os fructos sobrepostos segundo sua natureza mais ou menos branda. Para assegurar se a cosedura está completamente feita se deixa no tampo superior do barril um botoque que se conserva fechado durante a cosedura, e se tira para fazer a prova, á qual se procede apalpando os fructos ou legumes com uma agulha ou colher de cabo torto para não queimar as mãos pela acção fortissima do vapor.

Todo o segredo desta operação em geral consiste em que o vapor não possa sahir nem distrahir-se senão para o barril superior, e em que o barril tenha assaz de espessura e calafeto para concentrar o calor dentro do seu bójo. O maior ou menor espaço de tempo da cosedura depende, alem da qualidade particular dos fructos ou legumes, da quantidade do vapor fornecido n'um tempo dado, e este será tanto mais energico e abundante quanto o fogo fôr mais vivo e mais constantemente mantido.

 Os Snr.<sup>es</sup> Subscriptores, residentes em terras onde a Sociedade não tem correspondentes, querendo continuar, podem mandar renovar quanto antes as suas assignaturas, enviando as importancias pelo Seguro do Correio geral, porte pago, afim de que não soffram interrupção no recebimento do Jornal.